

“E VAMOS DE WEBNAMORO!”: (RE)APRENDIZAGENS AMOROSAS/SEXUAIS EM TEMPOS DE COVID-19 NO TINDER

Alcidesio Oliveira da Silva Junior¹

RESUMO

A pandemia da Covid-19 emerge como um desafio às antigas formas de relacionamento baseadas no contato físico, impulsionando novas formas de relacionamento que rompam o isolamento social. Neste caminho, o aplicativo de paquera Tinder passa a ser um dos espaços propícios para o desenvolvimento de contatos, sejam eles mais duradouros e/ou descartáveis. Com base em uma análise cultural das experiências de sete homens gays/bissexuais usuários do aplicativo, sustentada nos Estudos de Gênero e de sexualidade e com aportes dos Estudos Culturais da Educação, percebo dois movimentos: o fortalecimento da idealização do amor romântico e o não desvencilhamento duradouro das relações descartáveis, mais contidas pelo medo e pela solidão. Estas considerações apontam para os efeitos de uma sociedade de consumo retroalimentada pelo capitalismo e produtora de subjetividades mercantilistas. Tanto o mito do amor romântico, fundamento da sociedade burguesa e substrato para estruturas sociais e culturais hegemônicas, quanto a precibilidade das relações afetivas, são marcas de uma modernidade líquida, com uma forma fluida, sem comprometimentos rígidos.

PALAVRAS-CHAVE

Estudos Culturais. Covid-19. Gênero. *Webnamoro*. Tinder.

1 INTRODUÇÃO

“Sexo é imaginação, fantasia. Amor é prosa. Sexo é poesia...”

Rita Lee

Cantarolar esta música de Rita Lee diante dos eventos contemporâneos que varrem o mundo – alimentados pelas novas tecnologias de comunicação e uma pandemia avassaladora que nos tomou de assalto desde o final de 2019 – me faz indagar as dicotomias presentes na canção. Em um quadro de profusão de novas formas de amar e transar especialmente

¹ Doutorando em Educação na Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte Educação (GPCAE/UFRPE). E-mail: ateneu7@gmail.com.

motivado pela efervescência dos aplicativos de paquera, todos os binarismos, todos os limites impostos, sejam eles culturais, linguísticos e/ou até mesmo geográfico-temporais são questionados à luz de teorias, em especial, da pós-modernidade.

Varrendo as grandes e pequenas cidades do mundo, a pandemia da Covid-19 emerge como um desafio às antigas formas de relacionamento baseadas no contato físico. Isolados/as² em nossas casas, temos sido impelidos/as a construirmos outros modos de vida que se materializam por meio das redes tecnológico-comunicacionais. Vemos que “essa condição provocou intensas mudanças em vários aspectos da vida, sobretudo nos modos de procurar e viver relações amorosas e sexuais” (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020, p. 01).

Neste caminho, o Tinder, aplicativo de paquera lançado nos Estados Unidos em 2012 e que chega um ano depois no Brasil, passa a ser um dos espaços propícios para o desenvolvimento de contatos, sejam eles mais duradouros e/ou descartáveis. Baseado em uma tecnologia de geolocalização, o Tinder funciona por meio de um jogo de combinação – os *matches*³ – em que os/as usuários/as, cadastrando seus perfis no aplicativo, visualizam-se e podem, de acordo com critérios diversos, estabelecer o início de uma conversa quando o interesse se torna mútuo. Através das “performances de si” (CONSTANTINO, 2018), as pessoas que ali se encontram projetam-se em estratégias imagético-discursivas a fim de alcançarem seus objetivos: uma amizade, sexo rápido e/ou um relacionamento mais duradouro.

Compreendo, portanto, que diante das limitações impostas pela Covid-19 outras aprendizagens são produzidas em um “[...] processo que nos faz ou incorporar algo que nos era externo, ou repensar/reacomodar algo interno [...] alterações nos nossos modos de perceber a vida e seus processos, nós em relação aos demais, etc.” (CAMOZZATO, 2017, p. 09). Com base nos Estudos Culturais da Educação, lanço meus olhos para as pedagogias do *webnamoro* do Tinder (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020), entendendo que subjetividades são delineadas em meio às novas práticas culturais da contemporaneidade, estas carregadas de significados em negociação (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

² Inspirado na teoria feminista, lançarei mão da flexão de gênero nas palavras onde é possível tal efeito, pois compreendo que a dita “neutralidade” da linguagem, ancorada na totalização e/ou generalização fincada no masculino torna-se questionável nas narrativas dos/as pesquisadores/as inspirados no feminismo.

³ Quando duas pessoas curtem reciprocamente seus perfis, o *match* (“correspondência” ou “combinação” em inglês) acontece e uma janela para troca de mensagens surge. Ao invés de “entrevistados”, “colaboradores”, “informantes”, escolho nomear os homens que me cederam seus relatos de *matches*, fazendo jus às particularidades culturais do Tinder.

2 CAMINHO INVESTIGATIVO...

Ditas estas coisas, este artigo parte de uma pesquisa qualitativa de Mestrado realizada, entre os anos 2019 e 2020⁴, com homens gays e bissexuais que utilizam o Tinder para conhecerem outros homens (SILVA JUNIOR, 2020b). O critério de escolha dos sujeitos da pesquisa advém de minhas experiências anteriores no aplicativo como usuário à procura de outros homens para relacionamentos afetivos e/ ou puramente sexuais. Sigo este caminho por entender que “os métodos qualitativos, com seu foco sobre a criação de significado e as experiências da vida cotidiana, encaixam-se perfeitamente nas metas de visibilidade, no desafio cultural e na autodeterminação dos movimentos” (GAMSON, 2006, p. 346). A pesquisa, de viés pós-estruturalista, deu-se sob inspiração da etnografia virtual com observação participante, entrevistas online com meus *matches* e registros em diário de campo, pois “o estudo etnográfico acentua a importância nos modos pelos quais os atores sociais definem por eles próprios as condições em que vivem” (ESCOSTEGUY, 1998, p. 90).

Compreendo que a etnografia virtual guarda algumas características que a diferenciam da produção de material offline, ou seja, aquele produzido em ambientes não localizados na internet, mantendo, da mesma forma, seus fatos concretos, materiais, visto que “[...] muito dos atos produzidos pelos mecanismos de virtualização são fatos sociais concretos, já que produzem efeitos na realidade e, assim, não pertencem ao reino do imaginário [...]” (JUNGBLUT, 2004, p. 102). Dialogo com Jeane Félix (2012), que em sua pesquisa *on-line* com jovens soropositivados, evidencia que a etnografia virtual apresenta elementos que influem diretamente no desenvolvimento da investigação, pois a conexão entre pesquisador/a e os sujeitos investigados ocorre independente das limitações território-geográficas, bem como temporais.

Para Sá (2005), os elementos basilares da etnografia são mantidos também nas experiências etnográficas virtuais, como a observação prolongada, o estranhamento dos/as pesquisadores/as em relação ao fenômeno e a importância das subjetividades no processo interpretativo e narrativo do vivido/observado. Para além disso, Polivanov (2013) enfatiza a gramática e linguagem diferenciada nesses espaços que exige que interpretemos, além dos

⁴ Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba e orientada pela Profa. Dra. Jeane Félix.

textos, aquilo que também escapa às palavras como imagens, *emoticons* ou *emojis*⁵, elementos imagéticos, primordiais para a análise posterior, que traduzem uma série de sentimentos.

Assumo uma identidade de pesquisador *insider* (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011), ou seja, alguém que entra em campo, interage e que reconhece a importância das subjetividades no fazer pesquisa. Para tanto, criei um perfil no Tinder com uma descrição me apresentando institucionalmente, como também informando as motivações e objetivos da pesquisa em questão. Ao longo dos 08 meses de imersão em campo (outubro de 2019 a maio de 2020), obtive 523 *matches* e aprofundei a conversa com 39 homens. Todos estes permitiram que as entrevistas fossem registradas e divulgadas, pedindo que eu apenas mantivesse as suas identidades preservadas, o que prontamente fiz, não divulgando suas fotos e utilizando um nome que eles mesmos escolheram. Assim, neste mar de subjetividades que é a internet, empreendo uma etnografia (virtual) dita pós-moderna cujas características são “verdades parciais, ficções verdadeiras, invenções, narrativas, evocações ou alegorias”. Como argumenta Taddei (2012, p. 114), “os etnógrafos já não sustentam mais o teor unívoco dos seus relatos [...] à ambição de uma objetividade máxima, contrapõem-se as subjetividades do pesquisador e de seus pesquisados”.

No caminho aberto pelas mediações tecnológicas no aplicativo virtual de paquera e como processo de mobilização reflexiva, me pergunto: o que os homens gays e bissexuais que utilizam o Tinder (re)aprendem no cotidiano do aplicativo? Quais estratégias estes usuários lançam mão durante o isolamento físico? Como o Tinder se (re)estruturou visando o atendimento das expectativas dos seus/suas consumidores/as? Sem a pretensão de esgotar estas questões, escolho a análise cultural com base nos Estudos de Gênero e de Sexualidade para prescrutar as falas dos *matches*, procedimento este que coloca em cena a cultura, a linguagem e o poder nos processos de significação (SILVEIRA; MEYER; FÉLIX, 2019), uma “[...] reflexão que inclui as inter-relações de todas essas práticas, buscando suas regularidades, isto é, os padrões que nelas se repetem e, também, o que representa rupturas desses padrões” (MORAES, 2016, p. 33). Tomo como fundamentais três premissas em toda a análise da pesquisa: a centralidade da cultura atravessando todos os aspectos sociais como legado da

⁵ *Emoticon* é a junção da palavra *emotion* (emoção) com *icon* (ícone) e serve como representação gráfica das emoções dos/as internautas. Já os *emojis* são uma evolução dos *emoticons*, se apresentando como figuras já prontas e compartilhadas pelos/as usuários/as.

chamada “virada cultural” (HALL, 1997); a cultura como processo sociosemiótico, marcada por sua mutabilidade em processos permeados de poder (CANCLINI, 2015); e a cultura como campo de luta pela imposição de significados, pois “[...] a experiência com diferentes linguagens nos faz partilhar sentidos e significados (representações) por meio dos quais também somos produzidos” (CARVALHO, 2015, p. 72).

A seguir, traço um breve perfil dos *matches* que me deram seus depoimentos:

Quadro 01 – *Matches* para a pesquisa

Nome ⁶	Idade	Cidade	Orientação sexual	Ocupação
Oriol	34 anos	Recife/PE	Gay	Terapeuta Ocupacional
Davi Ferraz	28 anos	Arcoverde/PE	Gay	Servidor público
Ralff	21 anos	João Pessoa/PB	Gay	Vendedor
Harry	45 anos	Recife/PE	Gay	Jornalista/Ator
Matheus	20 anos	Paulista/PE	Gay	Técnico em Enfermagem
Mário	36 anos	Camaraíba/PE	Bissexual	Autônomo
Dan	25 anos	Curitiba/PR	Gay	Designer

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

3 (RE)CONFIGURAÇÕES DO TINDER EM MEIO À PANDEMIA

Partindo, no final de dezembro de 2019 da cidade de Wuhan, China, a pandemia da Covid-19 agitou inesperadamente o mundo. Habitadas a outras formas de socialização que necessitam de encontros face a face, muitas pessoas voltaram-se aos aplicativos, redes sociais e sociabilidades virtuais para não se sentirem tão sozinhas, na tentativa de preencherem lacunas abertas pela quarentena e seu sufocamento cotidiano (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020). Um “[...] isolamento social que nos tira das ruas, dos abraços, limita a nossa pretensa autonomia vendida com rigor pelo mercado de consumo e que encerra os nossos corpos físicos nos encaixotados cômodos financiados pelos bancos” (SILVA JUNIOR, 2020a, p. 109).

⁶ Os nomes aqui apresentados foram escolhidos livremente pelos usuários durante a pesquisa.

Conforme divulgado pelos/as administradores/a do Tinder (GONÇALVES, 2020), o aplicativo passou a liberar gratuitamente serviços que anteriormente eram pagos, como o recurso Passaporte (Figura 01). Com ele, os/as usuários/as podem deslocar o seu perfil para qualquer parte do mundo, ampliando seus contatos⁷. Eu, que já estava etnografando o aplicativo desde outubro de 2019, percebi um aumento considerável de homens transitando naquele espaço, o que foi confirmado pelos próprios administradores/as do Tinder. Segundo Shaw (2020), Sullivan (2020) e Galileu (2020), Elie Seidman, executivo chefe do aplicativo, registrou 3 bilhões de *matches* no dia 29 de março, um recorde até então, e aumento do tempo investido em conversas no aplicativo (10 a 30%) e da frequência dos/as usuários/as em diversos países: 12% no Reino Unido, 10 a 15% nos Estados Unidos, 25% na Espanha e Itália. De acordo com Couto, Couto e Cruz:

Agora, é por meio das conectividades que tantas pessoas garantem, inventam e descobrem mais prazeres sexuais. Aplicativos de paquera, conversas apimentadas e trocas de *nudes* são acompanhadas de mais fantasias, brinquedos e jogos sexuais. As *lives* de sexo se multiplicam e proliferam os discursos sobre e com imagens sexuais (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 208, grifos dos autores).

Acompanhando este movimento intenso no aplicativo, percebo, ainda com Couto, Couto e Cruz (2020, p. 209), que “essas mudanças ocorridas em poucos dias [...] nos cuidados corporais, afetivos e sexuais, na educação, indicam que o isolamento social não precisa ser sinônimo de sofrimento e exclusão do mundo”. Opera-se, portanto, uma noção *ciborguiana* de vida, (re)conectada por outras vias, estendendo-se por outros mecanismos, articulando-se por meio de outros processos de significação afetiva e sexual, metamorfoseando a própria ideia de corpo, onde não sabemos mais “[...] onde termina o humano e onde começa a máquina” (SILVA, 2009, p. 10). Faz sentido, então, a pergunta de Donna Haraway:

[...] por que nossos corpos devem terminar na pele? Por que, na melhor das hipóteses, devemos nos limitar a considerar como corpos, além dos humanos, apenas outros seres também envolvidos pela pele?” (HARAWAY, 2009, p. 92).

⁷ Objetivando conhecer outros contextos, também fiz uso do Passaporte para entrevistar homens em lugares distintos do Brasil, o que seria apenas permitido antes da pandemia se eu assinasse um dos pacotes pagos do Tinder.

O que vemos, pois, são “[...] bits e bytes que circulam, indistintamente, entre corpos humanos e corpos elétricos, tornando-os igualmente indistintos: corpos humano-elétricos” (SILVA, 2009, p. 12-13).

Figura 01 – Passaporte do Tinder é liberado gratuitamente na pandemia da Covid-19



Fonte: TINDER BRASIL, 2020.

Nesta “nova gestão semiótico-técnica digital” (PRECIADO, 2020, p. 172, tradução minha), somos conduzidos/as por novos encadeamentos discursivos, guiados/as pela atualização de virtualidades que rompem com a necessidade do corpo físico para exibição e desfrute dos prazeres. Para Galligo (2014), o Tinder transformou a “experiência do encontro erótico”, sendo uma das ferramentas de autopreservação da saúde física e mental em tempos de restrição social extremada. Se a cibercultura torna-se um território para a composição de novas subjetividades (CARVALHO; POCAHY, 2020), podemos compreender as pedagogias que circulam nos aplicativos de paquera, organizando modos de ser e estar no mundo, além de práticas generificadas e sexualizadas que rompem os limites da vida offline.

Vivemos em uma época onde “o coronavírus está pondo à prova nosso sistema” (HAN, 2020, p. 97, tradução minha), exigindo de nós modulações comportamentais frente à adaptabilidade contemporânea. Assim, as pedagogias do *webnamoro*, conforme Silva Junior (2020b), surgem “como uma alternativa às limitações impostas ao pleno trânsito dos corpos, sendo uma lição de afeto que ultrapassa o encarceramento das residências, evidenciando uma

nova movimentação dos desejos”. Esta noção, surgida pelas experiências em campo no Tinder em minhas conversas com os *matches*, traz à luz uma gestão dos desejos que se (re)significam diante dos desafios atuais. São aprendizagens que surgem em meio aos discursos correntes das instituições que prezam pela saúde pública, das escolas, das mídias, das organizações não-governamentais, entre outras entidades. O *webnamoro* é, pois, o aprofundamento de novas codificações culturais pandêmicas, visto que “se os corpos são polifônicos, devemos oferecer em rede formatações inusitadas e sedutoras de nós mesmos”, argumentam Couto, Couto e Cruz (2020, p. 208), “o isolamento social não pode ser pretexto para o descuido de si. A paisagem multifacetada dos corpos online é sempre mutante, volátil, em contínua construção”.

Figura 02 – Perfis de usuários do Tinder na quarentena



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Os perfis apresentados na Figura 02 são apenas uma amostra dos vários perfis de homens que voltaram ao Tinder para aliviar suas tensões, o tédio e vivenciar outras experiências amorosas e/ou sexuais na quarentena forçada pelo novo coronavírus. Estabelecem-se aí, com mais vigor, outros vínculos sociais e afetivos, impossibilitados na sua materialização offline, mas que não dispensam os mesmos prazeres que percorrem os corpos que se tocam, mesmo geograficamente distantes. Para Sibilía (2015, p. 86, tradução minha), estes aplicativos “[...] não são mais que consequências das transformações que vêm afetando

as subjetividades e os modos de nos vincularmos com os demais e com o mundo”. Neste caminho, tanto o Tinder, como ferramenta comunicacional, como aqueles/as que dele fazem uso, são produzidos/as (e se produzem) em meio às práticas culturais contemporâneas, estas constituintes e reguladoras de todos os aspectos da vida social (HALL, 1997).

A seguir, trago alguns depoimentos de homens gays e bissexuais que utilizaram o Tinder durante a quarentena, contrastando também com alguns depoimentos da pesquisa antes do isolamento físico, procurando evidenciar as (re)aprendizagens proporcionadas por suas experiências no aplicativo. Se experiência é “o modo como o mundo nos mostra sua cara legível” (LARROSA, 2002, p. 28), cada narrativa desemboca em uma nova produção de si mesmo, impossível de ser atualizada sem a presença do outro e dos afetamentos que estes encontros podem permitir.

4 “O COVID MEXEU COM AS GAYS”

As conversas que tive com homens gays e bissexuais usuários do Tinder que recorreram ao aplicativo durante a pandemia sinalizam para mudanças na forma como os relacionamentos se desenvolvem ali: mais atenção recíproca, maior quantidade de contatos online e uma maior disposição para relacionamento sério. Conforme já assinalado, houve um aumento de 10 a 30% do tempo investido nas conversas no aplicativo durante a pandemia (SHAW, 2020; SULLIVAN, 2020; GALILEU, 2020), bem como um aumento de 27% do número de mensagens enviadas em abril de 2020 comparado à última semana de fevereiro, quando a pandemia acelerava pelo mundo, e 37% a mais do número de pessoas que acessaram o Tinder neste mesmo período (TECCHIO, 2020).

De fato, conforme atesta a experiência de Oriol, “o Covid mexeu com as gays”, modificando certos comportamentos usuais no aplicativo: frieza, desprendimento afetivo e pouca iniciativa para conversas depois do *match*. Conforme Han (2017, p. 29), hoje em dia “[o amor] não passa de emoção ou excitação inconsequente”, sinalizando para a efemeridade das relações que são estimuladas com base em acontecimentos excitantes. Fazendo uma ponte com a reflexão aqui proposta, percebo que a atual pandemia que estremece o mundo tem mexido/estimulado/impulsionado novas formas de relacionamento, mesmo que sejam provisórias, balançadas pelos eventos que nos atropelam.

Eu estou achando que as pessoas no Tinder estão mais atenciosas. Eu tbm estou, a comunicação tá fluindo...percebo a presença e reciprocidade em 60%. O Covid mexeu com as gays. Tá muito estranho. Talvez estamos vivenciando um intenso mal estar. E estamos somatizando, trazendo para o corpo, e que nesse momento de excesso de luz, quarentena, estar em silêncio, dispara a necessidade de narrar o sentido.... (ORIOI, 2020).

Atenção, comunicação que flui, reciprocidade, estranheza, necessidade de elaborar os sentidos... A experiência de Oriol mostra que as variáveis ambientais têm grande influência no comportamento dos homens gays e bissexuais no Tinder. Para Preciado (2020, p. 183, tradução minha), “[...] nossas máquinas portáteis de telecomunicações são nossos novos carcereiros e o interior de nossas casas tornaram-se a prisão macia e ultra-conectada do futuro”. Como forma de romper com os limites impostos, os aplicativos de relacionamento se tornaram binóculos para o lado de fora, aquecedores da frieza que nos endurece a capacidade de amar e ser amado/a, indicadores do poder de transformação e de metamorfose do vírus (COCCIA, 2020). Como forma de contrastar a fala de Oriol que narra sua experiência de utilização do Tinder no período da pandemia, trago outra fala do mesmo usuário, meses antes do vírus se espalhar pelo mundo:

E eu percebo que nessas boates, nessas baladas gays, a gente não encontra alguém pra se relacionar de forma profunda. É muito superficial. É como se fosse o Tinder ou o Grindr da vida real. Tudo muito superficial, tudo muito superficial...É foda...Aí os espaços de liberar as tensões acumuladas sexuais são o que? Pra mim tem sido sauna e pornografia (ORIOI, 2019).

Durante 08 meses de etnografia virtual, pude acompanhar o Tinder antes e durante a pandemia. Em 2019, a experiência de Oriol no aplicativo, narrada no trecho acima, se mostrava bastante diferente de suas percepções na atualidade, marcadas por maior interação e atenção entre os homens. Ao trazer outras falas de *matches* um pouco antes da pandemia, podemos vislumbrar um cenário, elementos característicos das práticas culturais no aplicativo, um contexto cujo objeto de análise, a cultura, se dá em construções “sempre abertas, mutáveis e porosas, estratégicas e temporárias” (GROSSBERG, 2015, p. 15). A seguir, trago alguns excertos das entrevistas que sinalizam para os modos habituais no cotidiano do Tinder antes da pandemia:

Ninguém fala com ninguém [no Tinder]. Se você não insistir a outra pessoa também não tá nem aí. Fica no 0 a 0 (MATHEUS, 2020).

O Tinder para mim hoje serve mais como termômetro de aferição de frivolidade (MÁRIO, 2019).

Mas ali [no Tinder] é uma rotatividade muito grande, então, é uma coisa que mexe até com a tua segurança, você precisa ter cuidado ali com tudo, com tua integridade, com tua saúde, com tudo, com a sua emoção também...Então, com sua saúde emocional né... (HARRY, 2020).

Com base em um “contextualismo radical” (GROSSBERG, 2015), olhar para estas falas dentro do cenário cultural do Tinder favorece as análises, pois dialoga com um contexto sociocultural que vai além das vivências restritas à internet, evidenciando os processos de subjetivação que se movimentam em um aplicativo não apartado do seu tempo, mas inserido em formações discursivas que perpassam a sociedade produzindo as práticas sociais legítimas e ilegítimas, ou seja, aquelas que estão de acordo ou não com as forças hegemônicas que operam ditando as regras, costumes e hábitos privilegiados nas mais diferentes esferas da sociedade. Falando a respeito da sociedade líquida, caracterizada pela efemeridade e consumo das relações e ilustrada nas falas dos meus *matches* pela rotatividade, descarte e indiferença aos vínculos mais duradouros, Bauman e Leoncini (2018, p. 89), afirmam que “o amor sólido raciocinava em termos de amor eterno (embora estejamos cientes de quanto é lábil uma promessa, depois de vinte anos), o amor líquido raciocina daqui até as próximas ‘eternas’ 24 horas”. Compreendo o Tinder, bem como outras plataformas online de paquera, como fruto destes tempos líquidos, dos momentos de desfrute tão rápidos quanto um deslizamento próprio do jogo do aplicativo. E assim, “o romantismo líquido do/no Tinder nos ensina a não sermos prioridade, a sabermos que outras janelas e que outras conversas, talvez com as mesmas declarações copiadas/coladas, estão simultaneamente acontecimento junto às nossas”, argumenta Silva Junior (2020b, p. 143), “somos 1 entre 100. Quem será escolhido para as próximas 24 horas?”.

Para Bauman (2004), vivemos em um mundo de insegurança e incerteza que suspeita do amor ao próximo, elemento importante da racionalidade ocidental, o que nos desloca para um posicionamento mais egoísta em busca da nossa própria felicidade. Um instinto de sobrevivência, argumenta o sociólogo polonês, que faz com que os relacionamentos percam a razão de ser “[...] quando não trazem mais benefícios, ou quando estes – esperada ou apenas possivelmente – são menores que os obtidos evitando-se compromissos e cancelando-se

obrigações” (BAUMAN, 2004, p. 112-113). Um mundo marcado por guerras sangrentas, um capitalismo desumanizado e a expectativa quanto ao progresso da humanidade, que não se concretizou na Modernidade, tornaram as dúvidas e o medo basilares aos relacionamentos contemporâneos. Segundo Bauman:

Uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa “flexibilidade”) marcam todas as espécies de vínculos sociais que, uma década atrás, combinaram-se para constituir um arcabouço duradouro e fidedigno dentro do qual se pôde tecer com segurança uma rede de interações humanas (BAUMAN, 2004, p. 114-115).

Como alternativa, talvez mediante o choque pandêmico, percebo que a superficialidade dos relacionamentos vividos no aplicativo foi balançada pelo acontecimento da pandemia de Covid-19. O poder de metamorfose do vírus (COCCIA, 2020) se manifesta em toda a sua materialidade, endurecendo, mesmo que provisoriamente, alguns laços líquidos que nos envolvem. São novas pedagogias sexuais, um “conjunto de métodos, procedimentos e técnicas que garantem a adaptação de conteúdos informativos e educativos sobre os comportamentos sexuais, os prazeres e os desejos” (LIMA; COUTO; SILVA, 2020, p. 04). Pensando que as subjetividades são produzidas em meio a processos e rituais que reiteram determinados discursos nos diversos campos da cultura, entre eles aqueles reverberados por meio das mídias, o Tinder emerge como um território onde pedagogias, organizações de (re)aprendizagens permeadas de poder, se inscrevem em um tempo/espaço, regulando e criando disposições de ser e estar no mundo. Isso está explícito no depoimento de Davi Ferraz a seguir:

Tenho refletido muito sobre algo mais sério, mas para um pós-quarentena. Acredito que eu irei mudar muita coisa depois da quarentena. Pensar em juntar mais dinheiro, ter uma reserva pra algo que possa acontecer; pensar mais se vale a pena gastar com certas coisas; talvez ter um relacionamento fixo seja melhor, nesses momentos ter alguém pra se ajudar [...] estive bem carente, mas de alguém do que exatamente sexo. Dormir junto, conversar, fazer nada junto, cafuné, arrumar a casa junto... (DAVI FERRAZ, 2020).

A fala de Davi Ferraz, como também percebi em muitas descrições de perfis no aplicativo, aponta para um reacender do ideal do amor romântico, um “[...] ideal de perfeição que promete a completude numa perfeita adequação mente e corpo” (MENEZES, 2007, p. 565). A solidão, isolamento, carência, entre outros fatores, têm sido substrato para que

discursos idealizados sobre o amor romântico se multipliquem no Tinder. Como pedagogias do *webnamoro*, ou seja, “modos de existências ressignificados em tempos de distanciamento físico, mas que circulam, criando novas formas de interagir em um território de encontros virtuais” (SILVA JUNIOR; FÉLIX; COUTO, 2020, p. 11), estas modulações subjetivas frente aos acontecimentos recentes criam disposições anteriormente pouco alimentadas ou até mesmo negadas.

O amor romântico, vivificado por muitos/as nesta pandemia, foi aos poucos, com a cultura de consumo permeando as subjetividades, dando espaço ao “relacionamento de bolso”, a “[...] encarnação da instantaneidade e da disponibilidade”, conforme atesta Bauman (2004, p. 37), pois “[...] quanto menos [se] investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções futuras”. Porém, se para Bauman e Leoncini (2018, p. 70), “em vez de servir à causa de ampliar a quantidade e melhorar a qualidade da integração humana, da compreensão, da cooperação, da solidariedade recíprocas, a web facilitou as práticas de isolamento”, argumento que, quanto às possibilidades amorosas reacendidas na pandemia, a internet proporcionou o estabelecimento de vínculos outrora não cogitados, cavando buracos provisórios – sem garantias que perdurarão – no trato entre possíveis pretendentes. Falando a respeito de suas aprendizagens no uso do aplicativo na pandemia, Ralff diz que:

Você meio que repensa [...] em não ter um relacionamento vazio. Tipo só pegação, essas coisas. Ter uma pessoa e tal, poder confiar e não sair pegando todo mundo. Quando se fica em isolamento a gente para pra pensar se está valendo a pena no caso a pegação (RALFF, 2020).

Ralff também afirma que a pandemia impactou a sua vida sexual: “Minha vida era de pegação e festa. Hoje já é bem diferente e estou vivendo... Tem coisas mais importantes que sexo” (RALFF, 2020). O depoimento aponta que a mudança no cotidiano de Ralff – antes, festa e pegação, hoje, isolamento social – fez o mesmo repensar alguns hábitos e modos de vida, compreendendo que existem coisas mais importantes que o sexo, a pegação, as festas... Segundo Gros (2008, p. 132), “[...] o cuidado entre o eu e o mundo é constitutivo da ação, mas de uma ação regulada, circunstanciada, refletida”, neste caso, só possível para Ralff pelo silenciamento e quietude que a pandemia proporcionou, fazendo-o reavaliar a sua vida e incorporar outras possibilidades de existência. Não questiono a “verdade” destas mudanças,

visto que, como sujeitos de identidades fragmentadas (HALL, 2019), somos produzidos por diversas interpelações em um processo provisório, afastado de qualquer rigidez. Dan, por exemplo, atribui essas mudanças no comportamento dos homens no Tinder durante a pandemia a um sintoma de carência, não necessariamente uma guinada permanente na busca por relacionamento sério:

[Percebo que aqui no Tinder] querem alguém [...] querem suprir uma carência, porém o outro é tratado mais como uma figura do que como uma pessoa, mais como se fosse algo que estará disponível para suprir a carência desse homem do que uma pessoa para se relacionar (DAN, 2020).

Dan coloca em xeque a possível transformação da efemeridade em algo mais sólido, atribuindo a mudança dos homens a um contexto que potencializa a carência e a fragilidade, mexendo com a segurança e autoestima de muitos/as. Se seguirmos por esta via, pela brevidade das inclinações românticas destes homens, as leituras de Bauman (2004, 2008; BAUMAN; LEONCINI, 2018) da sociedade contemporânea se tornam ainda mais agudas. Para o sociólogo polonês, temos sido subjetivados/as pelo capitalismo, desembocando em “[...] uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo” (BAUMAN, 2008, p. 19). Dispostos/as em prateleiras virtuais no Tinder, cada um/a exibe o que tem de melhor visando a captura rápida do olhar do/a outro/a por meio de *estímulos-affectum*, ou seja:

[...] uma elaboração imagética baseada em experiências anteriores, sustentada em uma baixa ou alta cotação no mercado dos afetos e do sexo em aplicativos de paquera, que faz com que homens [e mulheres] que se apresentam no Tinder desenvolvam formas estéticas que rompem na velocidade de piscadelas, incapazes de sustentar uma contemplação mais aguçada de qualquer ‘belo’ (SILVA JUNIOR, 2020b, p. 123).

Questionando a validade dos investimentos amorosos no aplicativo, a experiência de Dan atesta para a perecibilidade daqueles afetos: “O que a pandemia deixou mais claro para mim foi como o *match* é apenas algo decorativo, já que nesse momento o *date* no mundo real não pode acontecer mesmo” (DAN, 2020). Percebo na fala de Dan uma experiência de descartabilidade, visto que a impossibilidade de encontros para além da internet desmotivam um envolvimento maior entre ele e seus pretendentes. O que o usuário aponta é que a sustentação dos discursos amorosos advém da carência promovida pelo isolamento físico na pandemia. Mesmo atestando que encontrou pessoas no Tinder com um perfil direcionado a

vínculos mais duradouros, Dan nutre desesperança quanto a uma mudança consistente, mesmo reconhecendo uma guinada romântica no aplicativo.

Entendo, portanto, que imersos/as na cultura dos relacionamentos líquidos, os/as usuários/as do Tinder, provocados/as pelo medo, angústia e solidão durante a quarentena motivada pela Covid-19, constroem uma rede de significados que proporcionam uma sensação que diminui o isolamento, isto por meio da busca por um relacionamento mais duradouro. O que está posto, no momento, é a prevalência de idealizações românticas, fruto da condição de incerteza contemporânea, situação que sinaliza para novas pesquisas que deem conta do pós-pandemia, verificando se os significados atribuídos aos relacionamentos durante a quarentena são temporários ou demarcam novos posicionamentos de vida.

Falando a respeito do regime de consumo a qual estamos submetidos/as, marca da contemporaneidade, Bauman (2004, p. 68-69, grifos do autor) argumenta que “o que caracteriza o consumismo não é *acumular* bens (quem o faz deve também estar preparado para suportar malas pesadas e casa atulhadas), mas *usá-los* e *descartá-los* em seguida a fim de abrir espaços para outros bens e usos”. Assim, uma vontade de objetificação atravessa as subjetividades, reduzindo as pessoas a produtos, submetendo-as a valorações que visam benefícios em detrimento de qualquer responsabilidade afetiva. São marcas, portanto, de um regime capitalista que inspira modos de vida e facilita acordos afetivos temporários, celebrados em contextos específicos na idealização de relacionamentos seguros, cujo suporte em tempos difíceis se torna essencial para a sobrevivência física e, acima de tudo, emocional.

5 APAGANDO A CONTA...

O isolamento físico motivado pela pandemia da Covid-19 tem estimulado novos hábitos, apontando para novas práticas nos relacionamentos – mesmo que temporárias – e outros modos de ver o mundo. São mudanças decorrentes da quarentena, do medo, da solidão e da incerteza quanto ao futuro. Por todos os lados, somos atravessados/as por notícias que estremecem nossas expectativas e certezas, impulsionando outros posicionamentos de vida.

O Tinder, aplicativo de paquera utilizado por 10% dos/as usuários/as de internet no Brasil (IQBAL, 2021), tem sido um destes refúgios procurados pelos homens gays e bissexuais

para usufruírem de momentos que furem o isolamento social e os corpos que se apartam. Ali, aprendizagens circulam (re)conduzindo disposições e (re)produzindo formas de ser e estar no mundo. Nesta pesquisa, tecida entre os anos de 2019 e 2020, pude conversar com muitos homens que se espalham em motivações diversas no aplicativo, seja buscando sexo rápido, amizade e/ou relacionamento sério.

As entrevistas com meus *matches* apontam para duas composições fruto dos seus afetamentos e descritas neste artigo: 1) o fortalecimento da idealização do amor romântico, motivado pelo medo da solidão visando um modelo de perfeição e adequação entre dois parceiros; 2) a brevidade desta mudança materializa-se na impossibilidade, no momento, de uma vida social *offline* costumeira, impulsionando, portanto, a busca por relacionamento sério, mas este resultado da carência emocional, sem qualquer desvencilhamento das práticas de descarte habituais no aplicativo e nas relações contemporâneas.

Por fim, estas considerações, inspiradas nas reflexões de Zygmunt Bauman (2004, 2008; BAUMAN; LEONCINI, 2018), apontam para os efeitos de uma sociedade de consumo retroalimentada pelo capitalismo e produtora de subjetividades mercantilistas. Tanto o mito do amor romântico, fundamento da sociedade burguesa e substrato para estruturas sociais e culturais hegemônicas, quanto a precibilidade das relações afetivas, são marcas de uma modernidade líquida, com uma forma fluida, sem comprometimentos rígidos. Uma “objetificação e uma instrumentalização dos demais para o consumo instantâneo, algo que anularia suas condições de alteridade” (SIBILIA, 2015, p. 86, tradução minha).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. **Nascidos em tempos líquidos**: transformações no terceiro milênio. Tradução Joana Angélica D'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Aprender por intermédio de discursos e imagens corporais: tensões contemporâneas. **Momento**: diálogos em educação, v. 26, n. 02, p. 07-24, jan./jun. 2017.

CANCLINI, Néstor García. A cultura extraviada nas suas definições. In: CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015, p. 35-54.

CARVALHO, Rosângela Tenório de. Lili a garota atômica: representação da mulher. **Textura**, Canoas, v. 17, n. 34, p. 71-98, mai./ago. 2015.

CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; POCAHY, Fernando. #UERJRESISTE: a politização de si através das selfies. **Revista Teias**, v. 21, n. 60, p. 143-152, p. 143-152, jan./mar. 2020.

COCCIA, Emanuele. **O vírus é uma força anárquica de metamorfose**. N-1 edições, 2020. Disponível em: <<https://n-1edicoes.org/021>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

CONSTANTINO, Fernanda Angelo. **Questões identitárias no Tinder: performance de si autenticidade e gerenciamento da impressão a partir da percepção do gênero feminino**. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos Culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago. 2003.

COUTO, Edvaldo Souza; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: Educação na pandemia da Covid-19. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 08, n. 03, p. 200-217, 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 9, p. 87-97, 1998.

FRAGOSO, Suely ; RECUERO, Raquel ; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre : Sulina, 2011.

GALLIGO, Igor. Tinder: illusion esthétique d'un inattendu amoureux. **La Deleuziana – online Journal of Philosophy**, n. 6, 2017, p. 158-171.

GAMSON, Joshua. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 345-362.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

GROSSBERG, Lawrence. Lutando com anjos: os estudos culturais em tempos sombrios. **Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 13-46, jul./dez. 2015.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 02, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. La emergencia viral y el mundo de mañana. In: AMADEO, Pablo. (Org.) **Sopa de Wuhan**. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós- humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

IQBAL, Mansoor. **Tinder Revenue and Usage Statistics**, 2021. Disponível em: <<https://www.businessofapps.com/data/tinder-statistics/>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A heterogenia do mundo on-line: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 97-121, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./abr., p. 20-28, 2002.

LIMA, Danillo Mota; COUTO, Edvaldo Souza; SILVA, Patrícia. Manda nudes: Pedagogias sexuais no Grindr. **Artefactum - Revista de estudos em Linguagens e Tecnologias**, v. 19, n. 1, p. 01-13, 2020.

MENEZES, Maria Célia de. O mito do amor romântico. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 17 n. 5-6, p. 539-572, maio/jun. 2007.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. **Questões transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 4, n. 7, p. 28-36, jan./jun. 2016.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicação dos conceitos. **Esferas**, n. 3, p. 61-71, jul./dez. 2013.

PRECIADO, Paul B. Aprendiendo del virus. In: AMADEO, Pablo. (Org.). **Sopa de Wuhan**. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020.

REVISTA GALILEU. **Cresce o número de swipes no Tinder**. Revista Galileu, 2020. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2020/04/cresce-o-numero-de-swipes-notinder-durante-pandemia-de-covid-19.html>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SÁ, Simone. **O samba em rede – Comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca**. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

SHAW, Dougal. **Chefe do Tinder diz que pandemia mudará drasticamente os relacionamentos**. Época, 2020. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/chefe-do-tinder-diz-que-pandemia-mudaradramaticamente-os-relacionamentos-24443507>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SIBILIA, Paula. Mal de amores: afectos y vínculos eróticos en tempos hiperconectados. **Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares**, v. 38, p. 83-90, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Nós, ciborgues: o corpo elétrico e a dissolução do humano. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da; FÉLIX, Jeane; COUTO, Edvaldo Souza. Amor, sexo e distância física: pedagogias do webnamoro na pandemia da Covid-19. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 58, n. 58, p. 01-25, out./dez. 2020.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. Por um devir-saxofonista: aprendendo a viver (com) afectos em tempos de pandemia. **Áskesis**, v. 9, n. Edição Especial, p. 108-117, dez. 2020a.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. **“Deu match no Tinder!”**: Aplicativo virtual de paquera como pedagogia cultural. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020b.

SILVEIRA, Catharina da Cunha; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; FÉLIX, Jeane. A generificação da intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 100, n. 255, p. 423-442, maio/ago. 2019.

SULLIVAN, Arthur. **Love in the time of coronavírus: COVID-19 changes the game for online dating.** DW, 2020. Disponível em: < <https://www.dw.com/en/love-in-the-time-of-coronavirus-covid-19-changes-the-game-for-online-dating/a-52933001>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

TADDEI, Angela. Sobre a escrita etnográfica. **Aurora**, Marília, v. 5, p. 103-118, 2012.

TECCHIO, Manuela. **Quarentena movimentada: apps como Tinder e Happn têm aumento de acessos**, CNN Brasil Business, 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/05/13/durante-isolamento-apps-como-tinder-e-happn-registram-aumento-nas-interacoes>. Acesso em: 8 jun. 2020.

“Let’s go Web dating!”: Love and Sexual (Re) Learning in Covid-19 Times on Tinder

ABSTRACT

The Covid-19 pandemic emerges as a challenge to old forms of relationships based on physical contact, thus driving new forms that break social isolation. In this way, the dating application, Tinder, becomes one of the propitious spaces for the development of contacts, whether they are more durable and / or disposable. Based on a cultural analysis of the experiences of seven gay and bisexual men who use the application, which was supported by Gender and Sexuality Studies and Cultural Studies in Education, I perceive two movements: first, the strengthening of the idealization of romantic love, and second, the non-permanent detachment of disposable relationships, which are now more contained than before because of fear and loneliness. These considerations point to the effects of a consumer society fed by capitalism and a producer of mercantilist subjectivities. Both the myth of romantic love, the foundation of bourgeois society and the basis for hegemonic social and cultural structures, and the perishability of affective relationships are marks of liquid modernity, with a fluid form of relationships, without rigid commitments.

PALAVRAS-CHAVE

Cultural Studies. Covid-19. Gender. *Web dating*. Tinder.

“¡Y Vamos de Citas en Línea!”: (Re)Aprendizajes Amorosas y Sexuales en Tinder

RESUMEN

La pandemia de Covid-19 surge como un desafío a las viejas formas de relaciones basadas en el contacto físico, impulsando nuevas formas de relaciones que rompan el aislamiento social. De esta forma, la aplicación de coqueteo Tinder se convierte en uno de los espacios propicios para el desarrollo de contactos, ya sean más duraderos y / o desechables. A partir de un

análisis cultural de las vivencias de siete hombres gay / bisexuales que utilizan la aplicación, con base en Estudios de Género y Sexualidad y con aportes de Estudios Culturales en Educación, percibo dos movimientos: el fortalecimiento de la idealización del amor romántico y el desapego. Relaciones desechables, más contenidas por el miedo y la soledad. Estas consideraciones apuntan a los efectos de una sociedad de consumo alimentada por el capitalismo y productora de subjetividades mercantilistas. Tanto el mito del amor romántico, fundamento de la sociedad burguesa y fundamento de las estructuras sociales y culturales hegemónicas, como la perecibilidad de las relaciones afectivas, son marcas de una modernidad líquida, de forma fluida, sin compromisos rígidos.

PALAVRAS-CHAVE

Estudios culturales. COVID-19. Género. *Citas en línea*. Tinder.

Recebido em: 10/01/2021

Aceite em: 08/06/2021